

## **SOMBRAS DO ENVELHECIMENTO QUANDO O AMOR SOBREVIVE ÀS PERDAS:**

Angeli Raquel Raposo Lucena de Farias, Hermano de França Rodrigues

UFPB – Universidade Federal da Paraíba [angeliraposo@hotmail.com](mailto:angeliraposo@hotmail.com)

Resumo: O estudo sobre o envelhecimento vem adquirindo cada vez mais notoriedade. Com os avanços científicos, conseguimos, com maior acuidade, investigar e avaliar o desenvolvimento humano, penetrando no mundo do idoso. As artes conseguem promover novas análises e reflexões sobre o ser humano. Não obstante, também nos fazem refletir sobre o envelhecimento e seus efeitos, dando novos olhares, novos conceitos, quebrando paradigmas. As artes visuais, mas especificamente, as obras fílmicas conduzem à reflexão e à reelaboração de pensamentos e, porque não, de ideias de vida. Permite-nos, ainda, enveredar por uma interface entre a arte erigida pela dimensão humana (ideias e subjetividades envolvidas para elaboração da obra) junto com as ciências, das mais diversas. Neste estudo, trataremos de observar e analisar a velhice que se redesenha na obra fílmica *Amour* (2012), dirigida por Michael Haneke, deixando-se guiar pelos constructos teóricos da psicanálise, ciência que permite compreender a subjetividade humana, através do discurso e da palavra. Entender a velhice não é um processo fácil nem para o sujeito que envelhece nem para quem acompanha o envelhecimento alheio. Envelhecer é se colocar diante de diversos paradigmas, como em relação à atividade laboral, ao contexto familiar, desejo sexual, ao matrimônio, e a diversos sentimentos, como o amor. Nessa película, que mostra a velhice de forma dura, racional, e humana, acompanhamos a história de Georges e sua esposa Anne, casados há sessenta anos, mas a partir do adoecimento de Anne coloca a relação em dimensões antes não refletidas pelo casal quando jovem. Prova de amor, que coloca o amor das gerações atuais em prova. Como embasamento teórico, utilizaremos o viés psicanalítico, como também, perpassaremos pelos caminhos da psicologia social e da psicologia do desenvolvimento.

Palavras-chave: Amor – Psicanálise – Envelhecimento - Idoso

### 1. INTRODUÇÃO

“[...] eu não me lembro da história, não me lembro do filme, só me lembro do sentimento. Ao contar-lhe os sentimentos [contar a experiência do filme ao colega que não tinha assistido], as lágrimas recomeçaram, e recomeçaram mais fortes do que as do momento do filme, a lembrança do sentimento foi mais forte que o próprio sentimento”. (CENA DO FILME *AMOUR* QUANDO GEORGES RELEMBRA, ATRAVÉS DE SENTIMENTOS, O PASSADO)

O envelhecimento humano é um processo natural da vida. Nascemos ao nono mês gestacional, crescemos passando pela infância, adentrando na adolescência, desembocando na vida adulta, e entramos na fase onde seremos identificados como idoso ou velho. O

envelhecimento, assim como as diversas fases de maturação humana, são colocadas sob diversos preceitos.

O envelhecimento, de acordo com Netto (2007), provoca mudanças biológicas, psicológicas e sociais, sendo na velhice que esses processos se evidenciam. O envelhecimento é uma fase da vida que implica em uma diversidade de mudanças de sentidos e significados culturais e sociais em que os indivíduos estão inseridos. Assim, a velhice carrega em si aspectos de representações sociais que influenciam na forma em que as pessoas se veem e são vistas pelos outros em termos subjetivos, sociais, físicos, emocionais, etc.

Nesse sentido, o amor ou a forma de amar que idealizamos quando jovens (amor intenso, confuso, sexual) nos idosos podem parecer diferentes para as demais idades. Porém, o amor é sempre amor, como diz Lacan (1993, p. 50) “amor é um sentimento de afeição de um ser por outro, às vezes profundo, às vezes violento mesmo, mas sobre o qual a análise mostra que pode estar marcado de ambivalência”. Esse amor de ambivalência é encontrado no casal de idoso Georges e Ane, no filme francês *Amour* de 2012,

Nessa arte fílmica vemos um casal de idosos, professores de música, octogenários, casados há um longo tempo, colocados em situação antes não esperada. Ane, acometida por uma doença, fica com o lado direito de seu corpo paralisado, situação da qual só iria piorar. Com o passar do tempo e sob os cuidados diários de seu marido Georges, o casal nos é capaz de demonstrar a realidade da vicissitude humana, que narra todo ser humano. A amizade, o respeito entre eles, o amor, o cuidado, o cansaço, a dor, o arrependimento, a raiva, e a sensação da iminência da morte. Georges e Ane demonstram, nesse belíssimo filme escrito e dirigido por Michael Haneke, como baila os sentimentos humanos em todas as nossas esferas físicas, psíquicas e biológicas.

No fornecendo aporte teórico, em seu artigo de 1915 “O inconsciente”, Sigmund Freud, mestre vienense criador da psicanálise, ele aponta para a atemporalidade dos processos ditos inconscientes que podem ser compreendidos e apreendidos através da linguagem, comunicação, socialização, e demais configurações que dão espaço a caminhar para o nebuloso inconsciente, direcionando-nos não a um mundo cronológico, mas um mundo psicológico que nos rege. Algo que não envelhece, que não sofre as alterações do tempo (FREUD, 1969a)

É esse passar o tempo que Georges e Ane nos mostram. Vemos um casal envelhecer aos poucos. A defasagem biológica se encontra, eles não são mais tão saudáveis e ágeis como em outros tempos. Porém, os sentimentos que adentram no convívio e no lar, como também

no psiquismo do casal se apresentam incansavelmente. A dor e sofrimento que ambos carregam são mantidos pelo amor e vontade de permanecerem juntos.

Por serem velhos, podemos imaginar que a benevolência seria o único sentimento inscrito neles. Ao contrário, Georges nos mostra as faces mais doces e ferozes do ser humano. O amor que sente por Anne é tão antigo e solido que o cansaço em cuidar-lhe leva-o ao amarga da dor e sofrimento em vê-la naquela situação de sofrimento. O cansaço de cuidar leva-o a bater como também a mata-la, na tentativa de aliviar a dor de sua amada, ou seria de aliviar a sua própria dor de cuidar de algo incurável.

Dessa forma, esse trabalho pretende analisar a obra fílmica francesa *Amour* analisando o casal de idosos Georges e Anne em que vivem e experimentam as mais diversas sensações, emoções e situações que versam sobre o amor, trazendo para o espectador que na última fase da vida ainda somos capazes de encontrarmos o âmago dos sabores e dissabores de ser inominavelmente humano. Ser idoso não escapa a eles a obrigação de manterem-se firmes afetivamente, estando também do afetivo o lado amargo e violento de ser humano. Encarar a dor da morte não é fácil, independente da fase de maturação em que se encontre o indivíduo. Chegar ao Nirvana por meio do amor que sentia foi a forma mais “fácil” encontrada por Georges, aliviando a dor de sua esposa.

## 2. AMOR EM *AMOUR*: A AMBIVALÊNCIA QUE NOS PERPETUA

A história da psicanálise começa pela constatação de que "o amor é encontro" (VICENTE, 2007, p. 2). Esse encontro foi a primeira verificação clínica de Sigmund Freud ao iniciar sua teoria metapsicológica observando os anseios passionais de suas pacientes históricas, em especial a paciente Anna O. que demonstrou uma extrema necessidade de uma relação afetiva, amorosa e sexual com seu amigo e médico Breuer (amigo de Freud que primeiro atendeu essa paciente) e que posteriormente demonstrou afeição por Freud.

A história de Georges e Anne também se dá com um encontro, encontro esse que irá se manter até a morte, ou além dessa, pois para Georges a morte de Anne o marcará até sua própria morte. Lacan, psicanalista francês pós freudiano, fala que o amor em psicanálise é transferencial, aquele em que o analisando permite, através da transferência – ou amor- abrir-se e encontrar-se com seu analista. Nesse amor transferencial os sentimentos mais primitivos aparecem. Amor, dor, raiva, medo, frustração são experienciados na relação analisando e analista. O amor que Georges e Ane experimentam é de tal forma transferencial, ou apenas

humanamente amor, pois a relação em que os dois se colocam ou se concebem versam da maior escala e complexidade humana.

Para Lacan, o amor fala de falta do objeto a, objeto tanto desejado. Para ele, amar é mais do que “querer”, o amante é aquele que oferece ao amado sua própria falta, acreditando ser o amado o detentor desse objeto faltante, nomeado objeto a. O amante crendo que o amado pode oferecer algum saber sobre si (como num estado de transferência), o amante se oferece em amor, pois é com essa falta que ele ama (LACAN, 2005).

O filme *Amour* do ano de 2012 é dirigido por Michael Haneke que retrata a história de uma casal octogenários Georges (Jean-Louis Trintignant) e Anne (Emmanuelle Riva), professores de piano clássico, que gostam de divertirem-se assistindo musicais, e dividem um cuidado mútuo, sendo ela aquela que realiza os afazeres domésticos e cuidados ao marido, como era comum das mulheres de antigamente. A cumplicidade é mútua e fala de uma relação saudável, passada em uma bela casa, organizada e rodeada de cultura e esplendorosamente agradável. Porém, as coisas mudam após um AVC sofrido por Anne, e após uma cirurgia realizada, a mesma ficou com lado direito paralisado, necessitando, a partir de então, de cuidados especiais. Tais cuidados são tomados por Georges que não exita em realizar sozinho, até mesmo porque a filha do casal não demonstra muita intensidade em querer zelar pela mãe e pelo pai (sendo ela também música como os pais, e morando em outro país). Georges assume todas as funções. Anne no início ainda tenta realizar algumas atividades, porém, um segundo AVC complicaria seu diagnóstico e a colocaria brevemente em estado físico mais delicado.

Tais fatos nos fazem lembrar que no envelhecimento tem-se uma tendência à reclusão social, ainda mais quando o idoso é acometido por uma enfermidade. Os espaços físicos passam a ser reduzidos a casa, ou para Georges, além da casa são as farmácias e os atendimentos a serviço público.

Para tanto Araújo, Mergulhão e Nóbrega (2013, p. 466) citam

A finitude do corpo que é anunciada pela incômoda percepção de última etapa de vida na velhice é potencializada pela limitação de Anne. Acamada, imóvel e com momentos de ausências do aqui e agora na expressão oral, Anne representa a fragilidade que contamina a percepção de vida de Georges. É no corpo que se registram as marcas da vida, e é nele que se expõe o envelhecimento como um processo marcado por limitações, desgastes físicos, alterações orgânicas e perdas de papéis sociais. (Araújo, Mergulhão e Nóbrega, 2013, p. 466)

Os dias joviais em que sua esposa cuidava de seu marido terminam vagarosamente. O corpo de Anne não é mais o mesmo, padece aos poucos. Nas “alucinações” ou conversas

consigo, Georges consegue visualizar aquela mulher antes saudável, antes vigorosa, antes sadia.

Em “Análise terminável e interminável” de 1937, o mestre vienense Freud acrescenta que há casos que nos deparamos com uma “inércia psíquica, um esgotamento da plasticidade, da capacidade de modificação e de desenvolvimento ulterior, estando presente nesses casos as pessoas idosas” (ABRAHÃO, 2008, p. 60). Porém, continua a autora, mesmo não estudando os idosos profundamente, Freud coloca que o inconsciente e seus processos são atemporais. Freud, concluiu dizendo que quanto aos fenômenos psíquicos existe um desinvestimento libidinal que é uma forma de retorno ao Ego, como num mecanismo narcísico. Dessa forma, sentimentos dos mais diversos são capazes de serem intitulados e nomeados no idoso, mesmo com a baixa plasticidade e incapacidade de reverberar as emoções.

São essas singularidades humanas permitidas de serem vividas e analisadas no idoso que o diretor Haneken consegue nos mostrar no filme *Amour*. Um casal de idosos que aparece, para nós, contorcidos na vicissitude humana. Eles nos permitem encarar a dor de viver humanamente, que será a dor de morrer um dia. Nessa morte narcísica de Georges por não suportar mais a ausência física e psíquica de sua esposa e companheira, o leva a cometer o ato final: sufocar sua esposa. O sufoco sentido por Georges é deslocado em ato de morte contra – ou favor- de sua esposa.

A cumplicidade, sempre dissimulada, do amor com a morte é o ponto no qual se situa a articulação entre sofrimento e saber. O amante não sabe o que o faz sofrer porque aquilo do que ele sofre é da própria ignorância, ao supor o saber sobre seu ser ao Outro. Assim, o sofrimento amoroso se alimenta de uma falsa reciprocidade, máscara de um duplo narcisismo, cujo efeito faz transparecer, no excesso da paixão, o ódio ao amado. Lacan nos indicou esta ambivalência, utilizando um significante novo: *amódio*, ou seja, um enamoramento feito de amor e ódio. Desse modo, o amor presentifica o pulsional. (VICENTE, 2007, p. 3).

Násio (2007) versa que a expressão perda do objeto amado foi utilizado por Freud em dois textos sendo este *Inibição, sintoma e angústia* e *Mal estar da civilização*. Nesse último, Freud diz: “o sofrimento nos ameaça de três lados: no nosso próprio corpo, destinado a decadência; do lado do mundo exterior que dispõe de forças invencíveis; e das nossas relações com os seres humanos, cujo sofrimento oriundo dessa fonte é mais duro do que qualquer outro”. O remédio para tal sofrimento seria o do amor ao próximo. Na intenção de nos preservarmos da infelicidade, assim, nada mais natural do que amar para evitar conflitos. Porém, o mestre vienense constata que: “nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como

quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor”. Esse é o maior paradoxo da vida humana: quanto mais se ama, mais se sofre.

Em seu livro, Fromm (1999, p. 13) questiona “É o amor uma arte? Se o é, exige conhecimento e esforço”. Para Georges e Anne o amor é sublimado como arte e estão unidos enquanto arte também musical. A união dos corpos, mesmo envelhecidos, necessita de esforço, tanto de Georges como de sua amada. Exige esforço para manterem-se vivos, como também a morte seria a forma de manterem-se no amor. A dor insuportável de ver o sofrimento liga-se ao amor das longas datas, no intuito de aniquilar a dor, a morte surge pelas mãos de Georges.

Beauvoir (1999) diz que a velhice é um fenômeno biológico quando o organismo do idoso apresenta singularidades, acarretando em consequências psicológicas, sendo estes certos comportamentos considerados como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela também tem dimensões existenciais que modifica a relação do indivíduo com o tempo e, com isso, modificam sua relação com o mundo e com sua própria história. A história de Georges e Anne estão imbricadas em mesmo ritmo musical, a existência de um não se daria sem a presença do outro. A musicalidade ditaria as regras, quando as notas de Anne pararam, foi o momento de Georges se colocar em pausa também, abandonando sua existência, sua casa, seu mundo.

### 3. CONCLUSÃO

Na arte fílmica *Amour* de 2012 o casal Georges e Anne nos retratam o mais sublime amor, aquele carregado por dor, sofrimento, narcisismo e iminência da morte física e psíquica. O filme é de tal forma intenso, pois não apresenta uma história de amor do qual um jovem casal em suas melhores fases amam loucamente. O filme mostra o amor no estado do envelhecimento, dos corpos, da alma, da biologia, dos estados psíquicos em que o casal irá encontrar-se.

O filme *Amour* nos invoca a pensar a dimensão que o amor pode adquirir, capaz de subjugar a morte, capaz de desejar a morte, morte de dimensão narcísica que alivia a dor de Georges, ou nunca seria capaz de aliviar, sendo por esta morte a capacidade de Georges lembrar sua amada, como ocorre na cena final do filme, onde ele relembra os sólidos tempos de Ane zelando pelo seu bem amado.

Além disso, esse filme nos convida a pensar o envelhecimento pelas lentes sensíveis da qual ele mesmo denota, o próprio envelhecimento e toda fragilidade que o processo assume, mas

não nos exige de entender que o idoso ainda é capaz de experimentar e vivenciar toda a capacidade humana das ambivalências que configuram a vida psíquica do indivíduo. O filme não trata da visão puramente amorosa do contexto humano, mas da dura realidade de amar e viver os últimos dias de vida na constelação que o amor permite.

Na medida em que transforma a morte física em marca registrada para a eternidade do amor, a frase matrimonial “até que a morte os separe”, aqui adquire outro sentido, uma vez que a morte irá anunciar a (re)união de Georges e Anne. Na morte do corpo ocorrerá a sobrevivência e infinitude do amor.

## REFERÊNCIAS

AMOUR. Produção de Stefan Arndt e Margaret Ménégoz, direção de Michael Haneke. França, Alemanha, Áustria: Les Films du Losange; X-Filme Creative Pool; Wega Film, 2012. 8 mm, 127 min., col. Son. Legendado. Port.

ABRAHAO, Emily de Souza. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 45-51, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em 10 out. 2016.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; MERGULHÃO, Danilo Rafael da Silva; NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Representação do envelhecimento em amor: notas sobre os processos socioespaciais na velhice. *Estud. interdiscipl. envelhec.*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 455-470, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/37348> Acesso em 01 out 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FREUD, S. (1915). As características especiais do sistema inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v. 14, p. 192.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v 23, p. 258-260.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice**: sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 2008.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014

NETTO, M. P. **Tratado de gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2007.

VICENTE, Sônia. Amor louco. **Cogito**, Salvador, v. 8, p. 27-31, 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acessos em 05 out. 2016.